

ALÉM DAS PIRÂMIDES: REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES SOBRE A FILOSOFIA NO EGITO ANTIGO

Aparecido Igor Oliveira Pereira¹

¹Tutor Presencial do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará-UECE; Pedra Branca, Ceará, Brasil; aparecido.igor@uece.br

RESUMO

O presente artigo tem como temática: Além das Pirâmides: Reflexões e considerações sobre a Filosofia no Egito Antigo, partindo da ideia de que durante muito tempo, a opinião em meios acadêmicos tem sido a de que não existia, no Antigo Egito, nada que possa ser chamado propriamente de filosofia ou pensamento filosófico. Assim, este trabalho busca em seu objetivo geral, analisar de forma crítica a presença e as características do pensamento filosófico no Egito antigo. E já no que refere aos objetivos específicos, o presente trabalho busca: Apontar algumas reflexões sobre o pensamento filosófico no Egito antigo; Investigar a possível influência do pensamento egípcio sobre o desenvolvimento da Filosofia Grega. A metodologia adotada para a sua elaboração contempla a dimensão da pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico e está pautada no método qualitativo de consulta bibliográfica. Assim, foi possível perceber que a filosofia egípcia é uma realidade documentada que merece ocupar seu lugar de direito nos espaços acadêmicos contemporâneos, estimulando novas pesquisas que busquem descolonizar a história do pensamento e conhecimento filosófico.

Palavras-chave: Egito Antigo. Filosofia.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como temática: Além das Pirâmides: Reflexões e considerações sobre a Filosofia no Egito Antigo, partindo da ideia de que durante muito tempo, a opinião nos espaços acadêmicos tem sido a de que não existia, no Antigo Egito, nada que possa ser chamado propriamente de filosofia ou pensamento filosófico, com base nos moldes filosóficos que surgiram na Grécia.

Assim, entende-se supostamente que a filosofia teve o seu início com os gregos e as antigas civilizações como a Egípcia e Mesopotâmica produziram de forma abundante mitologias e narrativas para explicar a origem do universo e o lugar da humanidade neste. Nesse sentido, temas como por exemplo: a verdadeira natureza do pensamento humano, a razão, a ética e muitos outros aspectos da realidade que nos cerca foram abordados adequadamente, apenas e somente pelos gregos.

Dessa forma, em épocas mais recentes surgiram então, diversas opiniões que contradizem esta linha de pensamento, algumas dessas extremas por necessitar de uma base fundamentada acabaram sendo desconsideradas por quase a totalidade dos estudiosos. Sendo assim, o presente artigo busca analisar até que ponto é possível falar de pensamento filosófico no Egito antigo de acordo com os textos antigos que nos estão disponíveis.

A metodologia adotada para a elaboração do presente artigo contempla a dimensão da pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico e será elaborada com base em publicações e estudos já realizados, tais como: Artigos, monografias, livros, revistas, dentre outras de caráter acadêmico sobre a temática delimitada, em especial a obra “A Filosofia no Antigo Egito” de Juan José Castillos com tradução para uso didático por Gustavo Henrique de Moraes Florindo & Lavínia Maria Miranda Mundim.

Partindo da ideia de que elaboração do referente trabalho está pautada no método qualitativo de consulta bibliográfica, tomando como base teórica a consulta a artigos, trabalhos científicos e obras já publicadas de diversos autores que tratam da temática abordada, além de consulta a sites e plataformas virtuais que realizam a abordagem da temática em foco. Após o levantamento dos dados bibliográficos da pesquisa, foi realizado um processo minucioso de análise acerca das informações obtidas e posteriormente um processo de reflexão, seguido de um alinhamento junto aos objetivos propostos (geral e específicos), para posteriormente iniciar a produção da redação do trabalho de forma referenciada e de acordo com as ideias de autores

e teorias da área, normas da instituição e da Associação Brasileira de Normas e Técnicas – ABNT.

Nesse sentido, a presente pesquisa busca proporcionar um complemento junto às produções e demais pesquisas já elaboradas sobre a temática delimitada, sendo assim, essa é destinada a toda a sociedade em geral, assim como também, aos pesquisadores, estudantes e profissionais das áreas de filosofia e educação em geral.

Seguindo por essa perspectiva, foram elaborados alguns objetivos que nortearam a elaboração do presente artigo, sendo um objetivo geral e dois objetivos específicos que serão apresentados a seguir. Enquanto objetivo geral, adotou-se o seguinte: Analisar de forma crítica a presença e as características do pensamento filosófico no Egito antigo. E já no que refere aos objetivos específicos, foram adotados os seguintes objetivos: Apontar algumas reflexões sobre o pensamento filosófico no Egito antigo; Investigar a possível influência do pensamento egípcio sobre o desenvolvimento da Filosofia Grega.

2.DESENVOLVIMENTO

Para darmos início a nossa reflexão, tomaremos como base a ideia de Moraes (2017) que nos aponta que é preciso considerar, em primeiro lugar, a temporalidade do Egito Antigo, assim, deve-se considerar que o Egito possui cerca de quase 4 mil anos. Nessa direção, sabe-se que a história não é uma pirâmide imóvel, que não se desloca, que não se move, com o tempo. Entende-se que a história, tal como a areia do deserto, se modifica, se transforma, se espalha, se move, tal como as dunas que se movem com a força do vento.

Dessa forma, por mais que sejamos levados sempre a pensar o Egito Antigo como um lugar e um tempo imóvel, vamos tentar ao máximo não cometer esse erro e se apegar a tal ideia, uma vez que nossa tendência é sempre olhar o espírito de um lugar, o espírito de uma época. Tal observação torna-se importante, pois esse mesmo tipo de olhar foi o que criou os maiores preconceitos e limitações acerca do Egito Antigo, que infelizmente ainda pairam até os dias de hoje, limitando a história do Egito ao Antigo Testamento, e em algumas crenças tais como as de que o faraó era um déspota, que havia escravidão, que era um lugar obscuro, cruel, sem luz, dentre outros (Moraes, 2019).

Nessa direção, Moraes (2017) nos aponta que por mais que muitas pessoas olhem para o Egito como uma grande civilização, quase sempre esse olhar considera-o como esplêndido a partir de suas imponentes obras e admiráveis feitos. Por outro lado, quando queremos pensar a intelectualidade, a cultura dos antigos, tudo isso se encontra nos gregos. Assim, a negação de uma filosofia e de um sistema de educação no Egito Antigo, ou seja, de uma paideia, é fruto de uma violência epistêmica marcada pelo racismo epistêmico e pelo etnocentrismo.

Dessa forma, entende-se essa violência enquanto um racismo epistêmico, pois se desconsidera que povos da África pudessem ser capazes de possuírem um sistema filosófico e político-pedagógico, tal como declarado por Hegel, e confirmado posteriormente por Werner Jaeger, um dos maiores historiadores de antiguidade, de modo categórico, que: “não havia cultura antes dos gregos” (2010, p. 5).

De acordo com o pensamento de Juan José Castillos na obra “A Filosofia no Egito Antigo”, Bertrand Russell escreveu, em meados do século passado, que os egípcios e os babilônios acabaram por fazer descobertas que os gregos mais tarde usariam proveitosamente, mas nenhum desses povos tiveram o que poderíamos chamar de filosofia, talvez em razão das condições sociais ou a falta de genialidade desses povos. Suas crenças religiosas podem ter sido consideradas um elemento pouco propício para tais empreendimentos. O que deu uma

vantagem aos gregos, vantagem essa decisiva, foi o seu amor pela verdade e pela beleza (Castillos, 2016).

Já em meados do século XX, John Wilson se perguntava se o antigo Egito havia feito algum tipo de contribuição à Filosofia, a ética e a concepção do mundo posterior e sua resposta foi que não, não estavam capacitados para desenvolver uma filosofia que pudesse ser transmitida a outras culturas, assim ele acreditava. Uma das possíveis razões para tal situação é que no caso dos acadêmicos situados fora da área da egiptologia, estamos em clara desvantagem já que a filosofia grega antiga é bem conhecida desde muitos séculos, enquanto os textos egípcios relacionados com estas questões foram disponibilizados há menos de dois séculos atrás (Castillos, 2016).

Nessa direção, cabe mencionar referente a percepções negativas provenientes de egiptólogos, que talvez nossos sistemas educativos tradicionais, naqueles que a Grécia aparecia como começo da nossa ciência e filosofia moderna, foram plantadas sementes discriminatórias em suas opiniões, o resultado previsível se arbitrariamente elegermos um modelo para decidir se outros chegam a esse nível ou não (Castillos, 2016).

No entanto, mas recentemente, de fora da egiptologia, alguns autores têm sustentado uma posição oposta, ou seja, que o antigo Egito foi sim o berço da ciência e da filosofia e que houve uma influência decisiva posteriormente sobre Grécia, uma posição extrema e injustificada que tem sido criticada duramente por vários egiptólogos e vários acadêmicos de outras disciplinas e áreas (Castillos, 2016).

De acordo com os antigos filósofos gregos, os egípcios também se destacavam por sua “piedade” (eusebeia) e por sua “sabedoria prática” (phronesis). No entanto, Heródoto, por outro lado, nos diz que:

Os egípcios foram os primeiros a ensinar que a alma humana é imortal e que, ao morrer o corpo, entra em outro ser vivo no momento do nascimento e logo após ter passado por todas as criaturas da Terra, mar e céu (um ciclo que se completa em três mil anos), entra novamente em um corpo humano ao nascer. Alguns dos gregos, antigos e modernos, tomaram esta doutrina como se fosse sua. (Castillos, 2016, p. 4).

Nessa direção, percebe-se que Heródoto estava equivocado ou mal informado ou talvez decidido a dar aos egípcios uma crença que não era deles, o que causou com que esta concepção continue a ser afirmada nos dias atuais como uma fonte antiga sobre esta crença, mas o que é importante sublinhar aqui, é o fato de que ele também reconhece que os antigos egípcios foram os primeiros a ensinar, o que podemos considerar como temas filosóficos (Castillos, 2016).

Assim, Diodoro Sículo escreveu que “Para muitos dos costumes que se disseminaram nos tempos antigos, o tipo de filosofia helênica entre os egípcios não só foram aceitas pelos habitantes modernos como também despertaram bastante admiração entre os gregos” (Castillos, 2016).

Sendo assim, a influência da filosofia egípcia sobre a filosofia na antiga Grécia acabou sendo resumida aos seguintes termos: “Evidentemente, por meio do canal especialmente da tradição pitagórica, algumas sementes e raízes de sabedoria egípcia chegaram a Grécia clássica, onde cresceram originando a magnífica árvore do Platonismo”. Nesse sentido, é possível que apesar dos grandes espaços vazios do nosso conhecimento devido a natureza incompleta dos textos que chegaram até nós, os antigos egípcios se ocuparam de temas filosóficos como, por exemplo, a origem do universo, se existiria para sempre ou não, o que há no universo e fora dele, o que é o conhecimento e a verdade, como devemos viver as nossas vidas, o que é a virtude e a falta dela, a natureza do tempo e o significado do passado e do futuro, a ideia da realização do passado no presente e como o presente é afetado pelo passado, o papel da intervenção divina na história, o papel dado aos grandes indivíduos, a mortalidade humana e divina, entre outros muitos temas que hoje estariam no campo de estudo da filosofia da praxiologia (estudo da conduta humana), epistemologia (estudo da origem, natureza e limites do conhecimento), axiologia (estudo da bondade, valor ou virtude em seus sentidos mais amplos) e ontologia (a natureza da realidade e da existência e das categorias básicas do ser) (Castillos, 2016).

Seguindo por essa linha de racicínio, cabe ainda destacar que de acordo com Castillo (2016), não foi descoberto ainda nenhum texto antigo egípcio que trate da epistemologia, no entanto, ao analisar alguns papiros científicos é possível inferir algumas noções de como se encaminhavam na busca do conhecimento e as limitações que encontram em tais empreendimentos.

Dessa forma, apesar de entendermos que existem enormes lacunas em nosso conhecimento acerca dos empreendimentos intelectuais do antigo Egito, estes sugestivos fragmentos de evidência deveriam nos impedir que adotemos uma atitude negativa sobre a capacidade da aproximação racional dos antigos egípcios ao que hoje chamamos de ciência (Castillos, 2016).

Outra informação que é importante levar em consideração, é a sabedoria que contém a observação dos egípcios de que percepções exatas e conhecimento verdadeiro não são sempre o privilégio do filósofo eminente (Castillos, 2016).

E não menos importante, outra questão que está relacionada ao pensamento filosófico era a aproximação ética que havia do conhecimento adquirido. Assim, no antigo Egito, os médicos analisavam cuidadosamente os sintomas que o paciente apresentava e então decidiam como atuar. Se as possibilidades de cura eram boas, o doutor dizia: “*Uma infecção que tratarei*” ou de outra maneira, “*Uma infecção com a qual lutarei*”. Mas ao que corresponde a ética e honestidade intelectual, havia também a frequente afirmação “*Uma infecção que não deve tratar*” (Castillos, 2016).

Dessa forma, esta atitude nobre é digna de se ressaltar, pois os médicos egípcios tinham a reputação de serem os mais eminentes do mundo antigo entre o terceiro e segundo milênio antes da nossa era, no entanto, apesar disso, não caíam em arrogância de acreditar ou declarar que podiam curar qualquer enfermidade (Castillos, 2016).

Assim, percebe-se que a intenção é certamente a de curar o paciente, mas a atitude dos antigos médicos egípcios parece estar livre da arrogância daqueles que recusaram no passado, e se recusariam hoje, em admitir publicamente, os limites de seu conhecimento ou capacidade (Castillos, 2016).

Cabe ainda mencionar que de acordo com Castillos (2016), embora seja tentadora a crença de que alguns filósofos gregos viajaram até o Egito para aprender com os seus colegas do Vale do Nilo, é importante manter-nos céticos frente a realidade ou utilidade de tais viagens.

Diante das informações apresentadas até o presente o momento, é possível notar que não há como negar que havia, no Egito Antigo, um forte sistema filosófico-pedagógico de formação humana. Em outras palavras, pode-se dizer que os egípcios antigos, por meio de sistemas e organizações sócio-políticas complexas e elaboradas, possuíam uma verdadeira paideia, ou seja, uma cultura, um espírito intelectual direcionado para a formação do cidadão egípcio. De acordo com Mario Manacorda, “do Egito é que nos chegaram os testemunhos mais antigos e talvez mais ricos sobre todos os aspectos da civilização e, em particular, sobre a educação” (2010, p. 21). Assim, seguindo os passos de Roger Garaudy em sua obra *O Ocidente é um acidente*, aponta:

O que se convencionou chamar de Ocidente teve origem na Mesopotâmia e no Egito, isto é, na Ásia e na África. (...) O Egito inspirou fortemente toda a civilização grega. (...) Em resumo, a visão do mundo que chamamos ocidental data de 3000 anos antes de nossa era. Configura-se fora da Europa, no Egito e na Mesopotâmia (Garaudy, 1983, p. 6-8).

Retomando as ideias de Moraes (2017) já mencionadas no presente trabalho, é possível entendermos que havia no Egito Antigo uma preocupação com o modo de ser e de existir, assim,

somos imediatamente colocados numa questão importante, a saber, como isso era possível? A preocupação com um modo ético de ser só era possível porque no Egito Antigo havia um modelo de sistema filosófico-pedagógico, o qual era voltado para a formação da vida do indivíduo, que perpassa por uma instrução ética, política, filosófica, profissional, militar e intelectual, dependendo da classe ou do lugar que o indivíduo ocupasse. Dessa forma, se considerarmos esse modelo educacional pedagógico, é fundamental pensarmos nos termos de Mario Alighiero Manacorda, que considera, em sua História da Educação, de que havia no Egito Antigo, a partir de um saber egípcio, uma paideia egípcia (Moares, 2017).

3.CONCLUSÕES

A partir da elaboração do presente artigo com a temática: Além das Pirâmides: Reflexões e considerações sobre a Filosofia no Egito Antigo foi possível perceber que a investigação proposta no presente trabalho permitiu concluir que a visão tradicional, que restringe o nascimento da filosofia exclusivamente ao solo grego, carece ainda de uma revisão crítica diante das evidências bibliográficas e culturais do Egito Antigo. Ao analisarmos a temática proposta torna-se evidente que o pensamento egípcio não se limitou apenas à produção de mitologias explicativas, mas desenvolveu uma estrutura complexa de reflexão sobre a ética, a justiça, sobre a natureza da existência humana, dentre outros temas ligados que também foram desenvolvidos filosofia ocidental.

Assim, é possível afirmar que os objetivos estabelecidos no início deste estudo foram atingidos ao demonstrar que: o pensamento egípcio, embora diferente da lógica sistemática grega, acabou por exercitar uma "filosofia de vida" profunda. Os textos e temáticas de sabedoria e as instruções morais revelam uma preocupação genuína com a razão e a conduta humana que antecede os moldes clássicos.

Vale ainda destacar que a reflexão crítica confirmou que a negação de uma "filosofia egípcia" muitas vezes fundamentou-se em critérios puramente ocidentais que reproduziu e reproduz até os dias de hoje, aspectos ligados ao racismo epistêmico e ao etnocentrismo. Assim, ao expandir o conceito de filosofia para além da contemplação teórica, encontramos no Egito Antigo uma base intelectual robusta, organizada, complexa e pedagógica. Dessa forma, investigar a influência egípcia sobre o desenvolvimento do pensamento grego nos aponta que a Grécia não foi um sistema isolado. O intercâmbio de ideias no Mediterrâneo sugere que muitos dos pilares atribuídos apenas aos gregos podem ter raízes em solo africano, consolidando assim o Egito, como um berço civilizatório também para o intelecto e produção de conhecimento filosófico.

Por fim, falar e investigar sobre o pensamento filosófico no Egito Antigo é reconhecer a pluralidade das origens do saber humano. No entanto, cabe ainda mencionar que o presente trabalho não busca invalidar ou diminuir a importância da tradição grega, mas sim integrá-la a uma narrativa histórica mais justa e abrangente. Conclui-se, portanto, que a filosofia egípcia é uma realidade documentada que merece ocupar seu lugar de direito nos espaços acadêmicos contemporâneos, estimulando novas pesquisas que busquem descolonizar a história do pensamento e conhecimento filosófico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTILLOS, Juan José. **La filosofía en el Antiguo Egipto**. Tempus - Revista en Historia General. n. 3, p. 77-93, 2016.

GARAUDY, Roger (1983), **O Ocidente é um acidente**, Tradução: Virgínia Novais da Mata-Machado, Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária.

JAEGER, Werner (2010), **Paideia**, Tradução: Artur M. Parreira. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

MANACORDA, Mario A. (2010), **História da Educação**, Tradução: Gaetano Lo Manacorda, São Paulo: Cortez.

MORAES, Marcelo (2017), **A heterogênia enquanto o outro egípcio na filosofia**, In. SeminaEstudos de Egiptologia IV, Org. Antonio Brancaglioni Jr.; Gisela Chapot. Rio de Janeiro: Editora Klíne.